

1. Uma eleição aparentemente tranquila: o discurso da vitória incontestável e justa

A primeira eleição constitucional da cidade de Ferreiros, município localizado na região denominada Mata Norte, no estado de Pernambuco, se deu no dia 25 de abril de 1965. Faz-se importante ressaltar que nesta data o município de Ferreiros contava com pouco mais de um ano de instalado e que do período que vai de sua instalação em março de 1964 a abril de 1965 foi governado por duas pessoas indicadas pelo governador do momento. A primeira, José Honório da Silva, posto no cargo pelo então governador Miguel Arraes de Alencar. A segunda pessoa, José Paz Sobrinho, indicada por Paulo Pessoa Guerra, logo após o golpe civil militar de 1964. Antes da emancipação político-administrativa, Ferreiros encontrava-se vinculado, como distrito, ao atual município de Itambé, na época Também.

O vencedor do primeiro pleito majoritário ocorrido na nova cidade foi o candidato do Partido Social Democrático, Francisco Freire da Silva, que vinha ocupando cargo de vereador de Itambé por várias legislaturas, quase sempre como o mais votado. Seu Chico, como era conhecido, teve longa trajetória política, sendo prefeito da cidade de Ferreiros por duas legislaturas e sempre elegendo os seus sucessores. Com atuação tão vitoriosa Francisco Freire consolidou-se como o maior expoente da política municipal, o que o faz ainda hoje ser cultuado como o mais destacado político do município de Ferreiros em toda sua história política. Em tese e na versão predominante na memória coletiva² local, Francisco Freire foi o grande artífice do desenvolvimento institucional local, sendo o responsável direto pela instalação dos principais serviços públicos da cidade como, escolas, água, luz e calçamento. Sobre sua figura construiu-se alguns mitos e dentre esses mitos, o de sua invencibilidade política. Na memória coletiva que circula, o mote de que Francisco Freire jamais teria perdido uma eleição em Ferreiros, prevalece forte e vigoroso. Seria um campeão de votos. Mito

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal de Pernambuco

² Maurice Halbwachs. A memória Coletiva

alicerçado na primeira eleição constitucional para Prefeito: Ferreiros livremente e por voto universal, o teria escolhido para gerir os destinos da nova cidade.

O primeiro pleito constitucional de Ferreiros continua sendo uma eleição lembrada e cantada como aparentemente normal e que teria tido um resultado normal e esperado. Para a história passou a versão que o prefeito eleito Francisco Freire da Silva, como era de se esperar, principal condutor do processo de emancipação, o vereador detentor das maiores votações no distrito da então comuna de Itambé, ganhou o pleito inaugural de Ferreiros obtendo mais de 70 por cento (73%) dos votos válidos. Segundo a matemática daquela eleição, nada mais definitivo. Foram 579 votos dados para o candidato do Partido Social Democrático, contra 160 votos (20%) obtidos pelo candidato José Ferreira Filho, conhecido por Zé Lucas, do Partido Trabalhista Brasileiro, PTB.

Do que a memória coletiva conta, do pouco que se escreveu sobre o assunto - e do que ainda hoje se fala e se repete - é uma montagem de bem arquitetada construção discursiva ³ que coloca partes intencionalmente visíveis da trajetória do grupo comandado por Francisco Freire, como a história política da cidade de Ferreiros. O que se convencionou denominar história política de Ferreiros, nada mais seria do que fragmentos das práticas existentes naquela eleição. De forma deliberada, ou não, tomam-se alguns elementos da história, pedaços das ações cometidas e dos resultados eleitorais como sendo a história da cidade. Toma-se a memória construída pelos vencedores sobre o período em foco, como sendo a verdade ⁴, como sendo o real, o único passado existido.

Na memória construída ⁵ e dada a ler pelos grupos vitoriosos, força política e eleitoral hegemônica no município, procura-se diluir e apagar o confronto e as lutas que colocou em

³ A ordem do discurso – Toma-se discurso, formas e práticas de dizer e nomear e como algo capaz de produzir efeito de poder e de consolidar uma determinada ordem das coisas. Foucault, Michael. *Microfísica do Poder*. RJ. Graal. 1979.

⁴ Toma-se aqui como verdade, algo construído na história, “o conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro, efeitos específicos de poder”. Foucault, Michael. *Microfísica do Poder*. RJ. Graal. 1979.

⁵ Memória construída é aqui entendida como a construção de hegemonia discursiva por determinado grupo social. É a maneira como o grupo vitorioso socialmente estabelece e exerce um regime de verdade, filtrando aquelas memórias que podem ser disseminadas como sendo a verdade histórica.

lados distintos as duas mais poderosas forças políticas e sociais da região: os camponeses e aqueles que controlavam as terras. Uma luta que pôs frente a frente no campo de batalha, de um lado os trabalhadores rurais e do outro os senhores de engenho, os barões do açúcar e seus representantes. Respectivamente perdedores e vencedores, esses os apoiadores do golpe civil militar de 1964 ⁶. Uma batalha local, mas que continha grande parte dos ingredientes que faziam, naquele período, a região da cana em Pernambuco ser comunicada e lida como pré-revolucionária e infestada por comunistas. Região propensa a se transformar numa nova Cuba. Esse confronto, a luta dos camponeses ⁷ de Ferreiros, praticamente some da história escrita e da memória local.

A luta dos camponeses da região de Ferreiros é uma memória sufocada e que caminha para o esquecimento com a morte dos seus protagonistas. A trajetória dos camponeses e seus representantes é a memória esquecida na arquitetura do discurso elaborado pelos vencedores daquele embate histórico que dividiu a cidade. A história contada pelos vencedores retira do centro da luta a intensa atuação dos camponeses e a repressão a eles imposta pelos defensores do golpe civil militar e seus asseclas na cidade. Recuperar a memória dos camponeses e as suas lutas contribui para a ampliação do conhecimento do passado, trazendo à tona elementos importantes e inegociáveis para se entender e escrever sobre aspectos da história daquele Ferreiros dos tempos da emancipação e da primeira eleição constitucional para prefeito.

Na memória edificada pelos vencedores, a eleição de Francisco Freire é tida como algo naturalmente merecida. Merecimento e recompensa pelo trabalho realizado por Freire, que teria “longa folha de serviços prestados” ao lugar como chefe político local e principal representante do então distrito junto à Itambé. O depoimento do ex-vereador Arlindo Barbosa Maciel, que na época fazia parte do diretório municipal do Partido Social Democrático, o

⁶ Sobre o golpe civil militar tomou-se como referência os trabalhos de Rodrigo Patto Sá Mota, Jorge Ferreira, Fernando Coelho, Paulo Cavalcanti e Daniel Aarão Reis.

⁷ Uma robusta bibliografia descortina variados aspectos da luta camponesa no Nordeste, dos anos 1950 em diante. Análises mais aprofundadas podem ser encontrar em textos como: Azevedo, Fernando. As ligas Camponesas. Paz e Terra. RJ. 1982; Callado, Antônio. Os industriais da seca e os galileus de Pernambuco. Civilização Brasileira, RJ. 1960; Montenegro, Antônio. História Metodologia Memória. Contexto. SP. 2010; Porfírio, Pablo. Medo, comunismo e revolução. Edit. UFPE. PE. 2009.

mesmo e pelo qual Francisco Freire disputou e ganhou o pleito de 1965, traduz quase cinquenta anos depois como se edifica a memória coletiva sobre a atuação deste como chefe político local. Pelo relato de Arlindo Maciel, pode-se ler como o papel, o cargo e as atribuições tidas na época pelo então vereador Francisco Freire, afirma e justifica o resultado da primeira eleição. No relato se encontram elementos discursivos que constroem Freire como o emancipador de Ferreiros. O relato como está colocado consolida a atuação do então vereador de Itambé como sendo emblemática e decisiva para a construção do município e do poder político local, após o golpe civil militar de 1964.

Chico Freire foi quem comandou o processo de emancipação política de Ferreiros, ocorrido em 1964. Quando Ferreiros ainda era distrito de Itambé tudo que dizia respeito aqui era tratado por Seu Chico, que era o vereador responsável e sempre o mais votado. Todos nós jovens que sonhávamos com a emancipação éramos orientados por ele, devido a sua experiência na política. Para Ferreiros passar de vila a cidade foi muito importante também Jurandir, que era filho de Chico Freire, que mantinha o contato com os políticos na capital. Era Jurandir quem preparava a papelada necessária. (Maciel, 2012) ⁸

No relato feito por Arlindo, que depois de alguns anos viria a militar na oposição a Freire, encontram-se elementos que informam como as pessoas que faziam parte do seu grupo político liam a importância daquele político para a cidade que nascia. Vale ressaltar que o relato do ex-vereador é um discurso facilmente encontrado na memória coletiva local. Na trama discursiva da memória construída reside uma espécie de débito da localidade ao emancipador. Como se Ferreiros devesse algo a Francisco Freire. Algo como se Ferreiros fosse sua pertença e que por isso a ele devesse a vitória eleitoral. Era como se disputar aquela eleição numa posição de oposição fosse um pecado. Uma ousadia. Como pode alguém afrontar o maior arquiteto da emancipação? Um ato inaceitável, passivo de repreensão e punição. Talvez não pensasse assim o eleitorado.

Talvez não imaginasse o chefe político e seu grupo, que acontecimentos e mobilizações existentes na cidade e no seu entorno na primeira metade da década de 1960, poderiam modificar as relações de poder, colocando na disputa política novos atores: os

⁸ Depoimento do ex-secretário e ex-vereador de Ferreiros, Arlindo Barbosa Maciel em 09.07.2012 ao autor.

camponeses e seus representantes. Ferreiros entre 1962 e 1965 foi palco privilegiado da luta camponesa por direitos e poder que tomava corpo no Brasil. Foi palco da luta e também da enorme repressão que se abateu sobre aqueles camponeses, que almejavam direitos sociais, trabalhistas, mas também, políticos.

Para o grupo de Freire, e para quem se deter somente aos números saídos das urnas, não há como ter algum questionamentos. Fundada somente na conta da matemática dos votos, a folgada e acachapante vitória de Freire nas urnas passou a ser lida e comunicada como um insofismável reconhecimento do trabalho anterior daquele político em prol da cidade. Uma comunicação e uma construção discursiva que com o desenrolar da trama adquire características míticas. Mitificação que aparece no relato de um antigo morador.

Ele sempre foi o mais votado, era quem trazia as coisas para o desenvolvimento de Ferreiros. Aqui ele era imbatível e sempre foi imbatível, seja ganhando eleição ou indicando o prefeito. Para ele era como se todos fossem seus filhos, aqui ele conhecia todas as famílias. Ele via Ferreiros com uma grande família, seus filhos. Ele tinha amor pela cidade, cuidava de tudo.
(Silva, 2012)

Diante de um fragmento de relato aparentemente tão seguro e contundente quanto definitivo, que se repetem circulando pela memória coletiva, talvez não restasse ao historiador aceitar e reconhecer a vitória de Francisco Freire como algo definitivo e justo. Como algo que não poderia ter sido diferente. Como questionar uma memória que reverbera no presente a relatar a naturalidade da construção de poder político, fundado em elementos como densidade eleitoral, liderança, trabalhos prestados, amor pelo povo, amigo das famílias? Está-se diante de um relato de memória que transforma um ser humano em um personagem. Francisco Freire sai desse fragmento de relato como um mito: uma figura mitológica da política de Ferreiros. Sua vitória ao ser naturalizada, assim como a posterior consolidação do seu grupo político, torna-se alicerce da memória construída sobre os acontecimentos.

É memória, não é história ⁹. O trabalho do historiador deve ser capaz de operar um deslocamento, fraturando a memória coletiva, levantando outras fontes e trazendo ao debate outros elementos, que possam questionar e modificar a memória existente ¹⁰. Terá sido assim como repete a memória local? Onde estariam as outras memórias da primeira eleição de Ferreiros? Quem foram, como lutaram e quais foram as lutas nas quais se envolveram as derrotadas naquele embate eleitoral? Entre as memórias que circulam existiriam ainda outras memórias que confrontassem a memória edificada pelos vencedores? Com base em perguntas como essas, o historiador procura enxergar as dobras dos documentos, aquilo que pode residir encoberto pelo discurso vencedor. Seria possível encontrar outras histórias nas memórias sufocadas ou esquecidas do grupo social residente em Ferreiros?

2. Memórias dos subterrâneos das lutas: uma eleição sob suspeita

Há outra memória. Documentos, relatos e a memória subterrânea ¹¹ contam outra história. Para além do discurso que produziram para a história as imagens de um político imbatível e de uma eleição justa, resiste - em meio a poucos documentos e na memória que se extingue ante a finitude da vida dos perdedores - a memória da existência e da arquitetura de um golpe violento contra as forças vinculadas ao projeto nacional-reformista local. Um golpe cujo os maiores beneficiários foram os senhores de engenho e seus representantes na política local. Um golpe que se articulou para além de Ferreiros e que teve a interferência do então governador do estado e de um dos seus principais representantes na Assembleia Legislativa - e também na polícia - além de um importante quadro do poder judiciário no estado. Um golpe que continha elementos políticos, policiais e, também parental.

Tamanha amplitude e interesse tomou a primeira eleição constitucional da cidade, que o caso Ferreiros foi notícia nos jornais que circulavam em Pernambuco e na Assembleia

⁹ A discussão sobre as diferenças entre os conceitos memória e história podem ser encontradas em diversos estudos da historiografia, tais como Pierre Nora (Entre a Memória e a história, a problemática dos lugares); Maurice Halbwachs (A memória coletiva); David Lowenthal (Como conhecemos o Passado).

¹⁰ Claude Lefort argumenta que alguns acontecimentos na história são marcados seja por um “esquecimento voluntário”, seja por um “recalque”, assim a possibilidade de construção histórica passa pela problematização da memória coletiva.

¹¹ Para Michael Pollack a oralidade é subversiva ao trazer à superfície memórias subterrâneas que ao emergirem ampliam a base de entendimento histórico.

Legislativa do Estado, naquele início de 1965. De dezembro de 1964 a abril de 1965, a conturbada eleição de Ferreiros foi um dos assuntos mais discutidos na política do estado. Uma eleição a ocorrer em uma pequena e nova cidade, colocava frente a frente os dois maiores grupos políticos que se digladiavam em Pernambuco. A discussão explodiu nos debates da Assembleia Legislativa, nos jornais e no Tribunal Regional Eleitoral ¹².

Mas o que acontecia em Ferreiros que despertava tanto interesse e tanta paixão? Tinha desde as práticas mais corriqueiras de período pré-eleitoral, como inaugurações e comemorações festivas de virada de ano e carnaval; nomeações de novos funcionários, entre eles um delegado escolhido a dedo por Fábio Corrêa; passando por batalhas jurídicas para destituição e recomposição de diretórios partidários; até virada de lado e traição de parte de lideranças locais, com golpes no diretório municipal do PSD. Além disso, pipocaram a três meses do pleito perseguições e prisões das principais lideranças do campo oposicionista, denunciadas que foram por um grupo de senhores de engenho existentes no entorno da cidade.

3. A marcha dos acontecimentos ou a cronologia de um golpe

Depois de uma grande festa, no dia 30 de dezembro de 1964, da qual participaram o governador golpista Paulo Guerra e o deputado Fábio Corrêa e onde se comemorou a chegada da luz elétrica e inauguração do grupo escolar, posteriormente denominado Fábio Corrêa, no início do mês de janeiro é nomeado o novo delegado da cidade: o segundo sargento Osvaldo Aquino de Vasconcelos, indicado por Fábio Corrêa. Aquino, como ficou conhecido, segundo relatos de antigos opositores chegou alardeando que tinha vindo com ordens para prender os comunistas existentes na cidade. Fala-se que o novo delegado gostava de bebidas alcoólicas além do convencional e suas ações e verbalizações contra os acusados de comunismo e corrupção se davam sob efeito do álcool. Os alvos anunciados como possíveis presos pelo delegado Aquino eram: Severino Pereira (o violeiro), José Gomes (zé gordo) José Honório (pedreiro e ex-prefeito) e José João de Oliveira (zé barreto ou fiscal).

¹² Na Assembleia Legislativa do Estado, os deputados João Ferreira Lima Filho e Fábio Corrêa produziram renhidos discursos onde expunham argumentos distintos sobre as perseguições dos camponeses de Ferreiros; Os Jornais, Diário de Pernambuco e Jornal do Comércio, produziram matérias sobre aspectos da eleição em Ferreiros, que acabavam soando como crítica ao apetite de poder demasiado do PSD; o TER tomou partido do PSD (diga-se de Fábio Corrêa e Paulo Guerra) extinguindo e impedindo a formação de diretórios que fossem contrários aos interesses da política proposta pelo governador para o município.

Para ampliar o campo de observação sobre as ligações dos políticos Francisco Freire e seu filho Jurandir Freire com os senhores do golpe e entender a nomeação do então delegado Aquino, deve-se continuar a ler o relato produzido pelo, na época secretário Arlindo Maciel.

Então Jurandir Freire e Fábio Corrêa arranjaram um militar, um sargento e trouxe para Ferreiros com o objetivo de acabar aquele poder que estava se criando. E o cara veio, bebia muito, até que um dia ele tomou uma cana e prendeu todo mundo, prendeu inclusive gente que não tinha nada a ver, pois o alvo dele era Severino Pereira e Zé gordo. Prendeu Henrique Rosas, Manoel Gomes, José Honório, Zé Barreto (Barretinho), Zé Gordo e Severino Pereira. Prendeu e depois foi soltando todo mundo e só ficou Severino Pereira, Zé Honório e Zé Barreto. Aí a mãe de Zé Honório pediu a Chico Freire a sua soltura e como pagamento Zé Honório teria que assinar uma ficha de filiação ao PSD. José Honório se submeteu a isso, foi frouxo. Zé Barreto foi torturado, não mudou de lado. Pereira foi preso e instalaram um processo contra ele. (Maciel. 2012) ¹³

O extenso relato feito por Arlindo Maciel, na época aliado de Francisco Freire, faz chegar ao presente pedaços da história que a elite política de Ferreiros faz questão de deixar no esquecimento. Ele apresenta uma memória da qual muito daqueles protagonistas hoje devem se envergonhar. Tal como aconteceu em escala nacional, onde após a abertura política ficou difícil encontrar um torturador ou até mesmo um apoiador da ditadura instalada em 1964, em Ferreiros a memória envergonhada quer ser esquecida, pois aqueles protagonistas do golpe e da perseguição desejam e precisam ser vistos agora como democratas. Mas o relato de Arlindo esquece de José Gomes, o zé gordo. Tanto quanto Severino Pereira, José Gomes foi preso, acusado de comunista e, por conta da perseguição sofrida, teve de abandonar a cidade. Ambos, Gomes e Pereira, estavam entre os mais populares candidatos em Ferreiros, na eleição de 1965. Toda a perseguição imposta pelo grupo dos golpistas tinha como um dos objetivos impedir que políticos não ligados a Paulo Guerra e Fábio Corrêa disputassem aquelas eleições.

¹³ Depoimento de Arlindo Barbosa Maciel ao autor em 09.07.2012

Dona Maria, viúva do então possível candidato a prefeito de Ferreiros, Severino Pereira da Silva, o violeiro, traz até o presente um relato de memória como ela e também seu marido, vivenciaram o impacto da chegada do delegado Aquino ¹⁴ e as suas ameaças iniciais.

Chegou um delegado novo lá em Ferreiros e vivia dizendo que ia prender Pereira. Era um cara assim violento, bebia muito. Vivia ameaçando prender o povo. Quem botou ele lá foi os grandes de Ferreiros. Pereira não acreditou, ele dizia que não era comunista. Ele era do PSD de João Nunes e João de Zezo. (Maria Pereira, 2012) ¹⁵

Severino Pereira devia ter acreditado. No dia 08 de fevereiro de 1965, o possível candidato do PSD, o mesmo do governador Paulo Guerra, recebia á noite a indesejável visita de um Jeep, que transportava dois policiais lotados na improvisada delegacia da cidade. Passava das 10 horas da noite. Os policiais traziam um convite do delegado Osvaldo Aquino para que Pereira comparecesse ao lugar conhecido como dezessete, onde funcionava a delegacia e também a cadeia, naquele momento. Pereira tentou se esquivar do convite porque já passava das 22 horas, mas os policiais alegaram que era somente uma conversa e que o trariam de volta. Não era somente uma conversa. Foi um sequestro.

Severino Pereira era um político em ascensão. Possuía grande popularidade na cidade, tanto devido a suas ligações com o político João Nunes Ribeiro, como pela sua atividade de vereador, repentista e tocador de viola. Além disso, Pereira fazia sucesso entre parte dos cristãos da cidade como celebrante e puxador de terços nas casas e na igreja. A popularidade dele era tal que na ultima eleição para vereador de Itambé, ocorrida em 18 de agosto de 1963, com o apoio de José Gomes, tinha superado o então imbatível vereador Francisco Freire. Enquanto o antes campeão de voto Freire, obteve no seu reduto eleitoral 252 votos, Pereira obteve 289, passando a ser o vereador com maior votação no município. Para perceber a importância da votação obtida por Pereira é preciso voltar a eleição de 1959 para vereador de

¹⁴ Em um dos seus discursos, o então deputado Ferreira Lima Filho, traça um perfil pouco lisonjeiro do Delegado Oswaldo Aquino: “O delegado de polícia que está em Ferreiros é um homem atrabiliário, que fez miséria no município de Bonito e aqui. Agora está querendo transplantar para zona norte de estado velhos hábitos que ele pôs em prática sem qualquer protesto, em Bonito”. (Ferreira Lima. Discurso ALEPE, 01.04.1965).

¹⁵ Depoimento de Maria Pereira, mulher de Severino Pereira, ao autor em 25.11.2012.

Itambé. Nessa eleição Francisco Freire concorrendo pela legenda da União Democrática Nacional, obteve a maior votação dentre todos os candidatos a vereadores, com 358 votos, quase o dobro da votação tida por Pereira que foi 181.

Na eleição municipal de 1963, Francisco Freire concorre pelo Partido Democrata Cristão, apoiando os candidatos derrotados, Luiz Pacífico para prefeito de Itambé e Eurico Freire, para sub-prefeito de Ferreiros. Já nesse momento pode-se perceber que Francisco Freire militava em campo contrário as forças do PSD de João Nunes, este um suporte capenga do então governador Miguel Arraes. Ou para deixar mais claro: Freire em 1963 fazia parte do campo político que já então conspirava para a derrubada dos governos João Goulart e Miguel Arraes.

A cidade de Ferreiros, predominantemente composta por camponeses ansiosos por direitos e seguidores até bem pouco tempo de Julião e Arraes, se abria a possibilidade de eleger o candidato mais identificado com os políticos depostos. A chapa do PSD tinha grande possibilidade de ser formada por Severino Pereira e José Gomes, respectivamente candidatos a prefeito e vice. José Gomes estava na mira do delegado Aquino e também foi preso em 08 de fevereiro de 1965.

José Gomes da Silva gozava de certa popularidade devido ao trabalho desenvolvido como agente da Companhia de Revenda e Comercialização, órgão do governo Arraes que revendia produtos de primeira necessidade e instrumentos de trabalho para agricultores e para os moradores. Gomes também tinha sido professor em escolas para adulto instaladas na sua residência no engenho Paraíso e depois na localidade de Ferreiros. A atuação desenvolvida de Gomes tornou-se perigosa para os interesses eleitorais dos apoiadores do golpe no município. “Eles achavam que Zé Gordo dava força para aumentar o poder de Severino Pereira, que já era muito popular” (Maciel, 2012) ¹⁶.

A campanha tanto de Severino Pereira quanto de José Gomes se estruturou na busca da identificação entre eles, o movimento camponês e os líderes Arraes e Julião. Os líderes pernambucanos recentemente depostos, por continuarem gozando de grande popularidade fortaleciam a oposição ferreirense e se traduziam em um anseio de justiça contra o golpe e

¹⁶ Depoimento de Arlindo Barbosa Maciel, já citado

contra a repressão que se abateu sobre os camponeses. Juntou-se a esses aspectos os últimos dissabores eleitorais obtidos por Francisco Freire. Uma eleição disputada naquele momento seria um risco para as oligarquias.

Os senhores de engenho e seus aliados foram para o confronto e iniciaram uma limpeza de área, visando eliminar o perigo de derrota eleitoral. No início de janeiro de 1965, no dia 03, um dia após a nomeação do delegado Aquino, um grupo de senhores de engenho seguem para Recife para entregar ao governador e ao comandante do IV Exército um documento que denuncia supostas atividades subversivas de José Gordo. É provável que tenham enviado outro documento com o mesmo teor incriminando Severino Pereira, embora na pasta da DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social só encontra-se uma denuncia feita contra José Gomes. A informação de que existiu outro documento denunciando Pereira, foi dada por Fábio Corrêa quando afirmou, na Assembleia ter em mãos um documento assinado por 18 senhores de engenho, denunciando o violeiro e José Gomes. Na conclusão do inquérito Aquino ele se refere sempre a ambos, Zé Gordo e Pereira.

Na denuncia José Gomes, assinado pelos senhores de engenho Seneval Nunes Machado, Manuel Nunes Machado, Marta Gouveia e Gileno Campos Gouveia, ele é descrito como o maior comunista da região, o grande agitador dos engenhos Vunda e de Vundinha. Perigoso elemento, amigo de Arraes e Julião, que continua no campo distribuindo carteira das Ligas Camponesas e pregando o comunismo, servindo de mau exemplo para os camponeses desinformados. No final do documento os senhores de engenho clamam para que prendam Zé Gordo e apela para argumentos muito usados pelos golpistas de então. Argumentos que vão do temor da ameaça comunista, passando pelo pedido da tirada de circulação do elemento dito comunista, “sua extirpação” e chegando a bajulação extrema dos militares e do exército. Além de se dizerem colaboradores da “Gloriosa Revolução de 31 de Março”.

Compreendemos que a tarefa do Glorioso Exército era por demais grande para sanear e tranquilizar a pátria, carecendo, portanto de nossa colaboração, ainda mais em virtude de estarmos sentindo que a impunidade tem servido de estímulo para que ele (Zé Gordo) volte a exercitar suas atividades subversivas em nossas propriedades. Resolvemos pedir as autoridades competentes para conter ou exterminar essa célula comunista que ainda se encontra viva em nosso município, tentando se difundir a cada

dia mais, para infelicidade nossa, do nosso estado e da pátria brasileira que defenderemos sempre contra o monstro do comunismo.¹⁷

O documento construído e assinado pelos senhores de engenho aparece carregado de significados sobre o tempo da sua escrita. Nele pode-se ler como os golpistas construíam a sua maneira, a imagem de um político adversário como comunista e como um grande perigo a pátria e a família. No documento, os seus signatários praticamente entregam de bandeja José Gomes ao exército, num momento em que fazer algo assim tinha consequências terríveis.

Com base no tal documento, intitulado de “Relatório das atividades subversivas e corrupção do individuo José Gomes da Silva, vulgo Zé Gordo, no município de Ferreiros”, o delegado Oswaldo Aquino de Vasconcelos, instala um inquérito policial, em documento datado de 25 de janeiro de 1965, passando no dia imediatamente subsequente a ouvir testemunhas de acusação. Tudo muito rápido, no dia 8 de fevereiro Zé Gordo e Severino Pereira são presos, levados para a Secretaria de Segurança e fichados como comunistas. Fim do sonho eleitoral para os dois camponeses tidos como os favoritos para vencer o primeiro pleito constitucional de Ferreiros.

Nesse meio termo, João Nunes Ribeiro, chefe político de Itambé e líder dos perseguidos ferreirenses, membro do PSD, compõe-se politicamente com Paulo Guerra e Fábio Corrêa, negociando por cima a saída de Zé Gordo e de Pereira da política de Ferreiros em troca do relaxamento do inquérito e da prisão. O medo de voltar a sofrer violências faria o resto. Sem serem políticos ideológicos, alijados da eleição e sem a sustentação de João Nunes, ambos forçosamente, vale lembrar, resolvem deixar a cidade. Depois de presos, fichados como comunistas e ameaçados pela repressão policial, Pereira e Gomes recebem ordens claras para deixar a cidade e assim o fazem. Zé Gordo muda-se para o município de Timbaúba e Severino Pereira fixa residência em Itambé, onde era e continuará sendo vereador. Era fim de jogo para a liderança camponesa emergente do município de Ferreiros.

O então deputado João Ferreira Lima, após a perseguição e êxodo forçado dos políticos ferreirenses ligados a João Nunes, age rápido e articula o que resta da oposição em

¹⁷ Gouveia, Gileno Campos; Gouveia, Marta de A. Lima; Machado, Seneval Nunes; Machado, Manoel Nunes. Relatório das atividades subversivas e corrupção do indivíduo José Gomes da Silva, vulgo Zé Gordo, no município de Ferreiros – PE.

Ferreiros. Assumindo assim a chefia política da oposição ao grupo comandado por Francisco Freire. Pelo seu partido, o PTB, lança a candidatura de José Ferreira da Silva, conhecido como Zé Lucas. Se ele pensava que Zé Lucas teria vida fácil, enganou-se. Novas ameaças. A elite da cana e seus representantes tinham aprendido a jogar sujo. Em vez do “monstro comunismo” passava-se a ameaçar Zé Lucas por conta de alguns cheques supostamente sem fundos da sua empresa em sociedade com Henrique. Pouco depois de perder a eleição, Zé Lucas foi embora de Ferreiros e nunca mais voltou.

No dia 22 de março 1965, faltando pouco mais de um mês para eleição, João Ferreira vai à tribuna da Assembleia e denuncia o clima de terror que vinha sofrendo a oposição em Ferreiros. No pronunciamento, Ferreira Lima acusa o governador Paulo Guerra, Fábio Corrêa, João Nunes e o delegado Oswaldo Aquino, de serem os responsáveis pelas perseguições. Segundo Ferreira Lima, o PSD de Paulo Guerra continua a utilizar os velhos métodos do intimidamento político para ganhar a eleição e fortalecer a sua base política. E ainda, diz que em Ferreiros, políticos que diziam estar com Arraes antes do golpe, agora eram do golpe e com a ajuda de Fábio Corrêa tinham destituído a direção do PSD, da qual fazia parte Pereira, para entregar a Francisco e Jurandir Freire.

Político e tribuno experiente, Ferreira omite algumas informações, que ele devia saber, para construir um sentido no seu discurso que transformasse toda família Freire em correligionários de Miguel Arraes ¹⁸. Para isso ele se utiliza do caso do PST, cujo presidente citado é filho de Francisco Freire, Antônio Roseval de Melo Freire. Ele não fala e não lhe interessava falar, que a família Freire vinha usando da estratégia de escalar seus membros e amigos pelos diversos partidos existentes. Essa estratégia de controlar os partidos era bastante utilizada pela família freire, além do caso do PST, o PDC, o PTB e a UDN, se encontravam, antes do golpe, controlados por familiares ou amigos próximos de Freire.

¹⁸ O grande interesse demonstrado pelo deputado João Ferreira Lima no caso Ferreiros, pode ser traduzido por dois aspectos visíveis: 1. A derrocada do líder político João Nunes deixa seus seguidores (futuros quadros da oposição) órfãos e Ferreira Lima se aproveita desse fato para fincar bases na política de Ferreiros; 2. Naquele instante Ferreira Lima estava em campanha como antagonista de João Cleofas numa eleição para Câmara Federal, concorrendo a vaga deixada pelo deputado cassado Francisco Julião. Os acontecimentos em Ferreiros davam munição para Ferreira Lima fustigar o PSD e o governador Paulo Guerra e assim se consolidar como uma forte liderança da oposição.

No mesmo dia do pronunciamento do deputado Ferreira Lima, o deputado Fábio Corrêa vai à tribuna da Assembleia Legislativa e discursa. A fala de Corrêa expõe as vísceras da prática política no Brasil. Do mandonismo e do clientelismo. Segundo ele, a pedido de Jurandir Freire, vai ao governador, exige a direção política de Ferreiros e retira do poder o prefeito indicado. Em outra parte do seu pronunciamento Fábio Corrêa lembra a ligação de Honório com Pereira e traz a tona uma carta do senhor de engenho Seneval Nunes Machado. Na carta Seneval, dono do engenho Bonfim, indigna-se com as repercussões negativas de uma carta assinada por ele e outros dezoito senhores de engenho da região contra as atividades subversivas de Severino Pereira e José Gomes; e afirma que o problema é a subversão e o comunismo. O texto é tão engajado que parece ter sido escrito pelo Comando Supremo da Revolução.

Querer transferir para o terreno político um problema de subversão, acobertando notórios comunistas, é querer iludir as Autoridades responsáveis pela segurança do Estado, traindo a gloriosa revolução de 31 de março, que em boa hora veio tranquilizar as nossas famílias, dar segurança ao futuro de nossos filhos e salvar a Pátria das garras do comunismo, representado nos Ferreiros, pelos indivíduos acima citados. (ALEPE, Corrêa, 22.03.1965) ¹⁹

O pronunciamento feito por Fábio Corrêa, a pretexto de responder sobre a retirada de Honório da prefeitura, envereda para a questão do combate ao comunismo. Migra do discurso contra a corrupção para a cantilena anticomunista. Ao nomear os perseguidos como comunista, em pleno reinado do Inquérito Policial Militar, Corrêa tem noção exata da força do seu discurso e da repercussão política que ele causaria. Conspirador experiente, ele estava esvaziando a possibilidade de uma interferência legislativa e consolidando a decisão no espaço onde as coisas se decidiam sem o contradito. Ao nomear os opositores de comunista liquidava qualquer possibilidade de apoio pela Assembleia, dominada por políticos pró-golpe. A passagem do deputado Fábio Corrêa ²⁰ pela tribuna da Assembleia, naquele dia, escancara para Pernambuco a tragédia da oposição de Ferreiros. Consummatum est.

¹⁹ Trecho da carta enviada pelo senhor do engenho Bonfim, Itambé, ao deputado Fábio Corrêa.

²⁰ Fábio Corrêa, delegado de polícia e usineiro, desde o Estado Novo vinha exercendo prática política marcada pela truculência. Na mobilização das forças conservadoras no período pré-1964, puxava na Assembleia o coro

4. Algumas considerações

A oposição política de Ferreiros, composta majoritariamente por camponeses, empoderados, nas lutas sociais da primeira metade da década de 1960 adquire status mediador social e força político-eleitoral, tendo a possibilidade de assumir por eleição o poder político, no município. O golpe civil militar, que apeou do poder João Goulart e Miguel Arraes, coloca a oposição camponesa de Ferreiros na linha de tiro da oligarquia canavieira e seus aliados no governo Paulo Guerra. Denunciados, perseguidos, presos e torturados, os principais quadros da política camponesa de Ferreiros, são impedidos de disputar a primeira eleição para prefeito daquele município. O conjunto de ações violentas, cerceadoras dos defensores do golpe em Ferreiros, mas também a traição do chefe político de Itambé, João Nunes, que a pretexto de compor-se com Paulo Guerra, contribui para retirar da cidade os mais populares oposicionistas, aniquila as pretensões destes de disputar o pleito.

Pressionados, denunciados, presos e dois deles fugidos da cidade, os principais políticos representantes dos camponeses e herdeiros da tradição trabalhista veem amputados seus sonhos eleitorais. A cruzada anticomunista levantada por Paulo Guerra, Fábio Corrêa, os senhores de engenho e o grupo comandado por Francisco e Jurandir Freire, ao usar a força policial, a jurídica eleitoral e mais um conjunto de práticas intimidatórias e repressivas, acabam com as chances de vitória eleitoral e liquidam a oposição camponesa que ganhava força em Ferreiros. E mais, criam as condições necessárias para a vitória de Francisco Freire e para o fortalecimento e a consolidação do seu grupo político. Sobre os escombros da oposição atacada e vencida, consolida-se a liderança de Francisco Freire e alicerça-se a memória do líder político imbatível, do emancipador.

Bibliografia

dos defensores e divulgadores da “Marcha da Família com Deus e pela Propriedade”. Fábio Corrêa na Assembleia era uma das vozes que combatia intensamente o governo Miguel Arraes.



CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. Rio de Janeiro: Revista Dados. Volume 40, Nº 2. 1997.

CAVALCANTI, Paulo. O Caso Eu conto como o caso foi – Memórias Políticas – 1º e 2º volumes. Editora Guararapes – Recife – 1980.

COELHO, Fernando. Direita Volver. O golpe de 1964 em Pernambuco. Bagaço. Recife. 2004.

DE CERTEAU, Michel. A escrita da História. Forense Universitária. São Paulo. 2008.

FERREIRA, Jorge. O populismo e sua história. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2001

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 1969.

_____. A microfísica do poder. Rio de Janeiro. Graal. 6ª Ed. 1986

NORA Pierre. Entre a memória e a história. Revista Projeto História 10, PUC. SP. 1993.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Metodologia Memória. Editora Contexto. São Paulo. 2010.

_____. Memórias, percursos e reflexões. Entrevista. In Revista de História SAECULUM 18. João Pessoa: UFPB. 2008.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 2, nº 3. 1989.

PORFIRIO, Pablo F. de A. Medo, comunismo e revolução: Pernambuco (1959-1964). Recife. Editora Universitária da UFPE. 2009.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In Marcelo Ridente. Rodrigo Patto Sá Mota. O golpe e a ditadura militar – 40 anos depois (1964-2004). 1ª Ed. Bauru. EDUSC. 2004.